



II CONGRESSO BRASILEIRO DE
PESQUISA E INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ESTUDAR O PASSADO? PARA QUE? O PAPEL DA HISTÓRIA ESCOLAR NA ATUALIDADE

RODRIGO PERLES DANTAS

RESUMO

A questão que dá origem ao título desta comunicação é provocativa e polêmica. Este é o poder das perguntas na área educacional. Propositadamente e refletidamente colocada como ponto de partida desta análise, reflete uma das maiores dúvidas por parte dos discentes e alunados contemporâneos. Vivendo uma geração (devido às próprias condições materiais da sociedade na qual se criaram), em grande medida, presentista, têm dificuldades para compreender a importância do estudo do passado histórico para suas vidas. Antevendo uma das metodologias defendidas no ensino de História em nossa época, esse texto se propõe a ser, portanto, uma reflexão sobre as condições do fazer historiográfico e sua relação com a história ensinada na educação básica no século XXI. Ao lecionar para as modernas gerações, novos desafios se impõem ao docente e tenho como objetivo fazer-nos pensar qual o papel da História escolar nos dias de hoje e quais metodologias podem ser utilizadas para que os objetivos de uma educação histórica crítica, humana e plural possa ser alcançada. A finalidade de todo bom ensino desta disciplina, que se enquadra na área das Humanidades, deve ser sempre, como já posto na premissa, alcançar uma formação humana, que coloque o ser humano como centro de suas preocupações, em suas relações com o outro e com o meio, em busca da construção do respeito e do diálogo. No entanto, vivendo em um período como o nosso, de fortes alterações climáticas (não aquelas que seguem um “curso natural”, mas sim cada vez mais motivadas pela ação antrópica), se a História como ciência é o estudo do ser humano no tempo, precisamos também levar os educandos do século XXI a pensar nossa relação com a natureza e a crise ambiental. Desta forma, podemos criar não apenas pessoas que reproduzem conteúdos vazios, mas cidadãos, que compreendem seu papel na sociedade e saibam agir no mundo com consciência crítica e cidadã.

Palavras-chave: consciência histórica; educação básica; cidadania; cuidado; respeito.

1 INTRODUÇÃO

O poder das perguntas na educação é claro para qualquer educador. A partir delas, podemos buscar, por parte de nossos educandos, a reflexão. Começar uma aula ou um texto como uma pergunta – como se buscou no título deste texto – pode gerar discussões muito frutíferas entre os alunos ou entre os leitores (RUBINSTEIN, 2019).

É por isso que o questionamento levantado por esse texto é provocativo. Ele tem o poder de levar-nos a reflexões e nos tirar da zona de conforto. Primeiramente, é importante ressaltarmos que, é fato que a educação atual apresenta uma série de desafios. Não é mais possível que o docente tenha apenas como recuso metodológico as aulas expositivas, com a pura e simples transmissão de conteúdos aos alunados. Não que a parte de

conteúdos não seja, importante, pelo contrário. Mas não se entende mais a informação como sinônimo de conhecimento. No caso da História, em particular, defende-se que a informação seja a matéria-prima do conhecimento (XAVIER; COSTA, 2010, p. 75-76).

Toda essa revisão metodológica a ser aplicada no campo educacional, mesmo que importante no plano teórico (e um volume interessante delas é publicada todos os anos), ainda enfrenta dificuldades de aplicação prática que vão desde a estrutura das escolas brasileiras até a própria preparação do profissional que vai atuar em sala de aula. Por isso mesmo, congressos que agreguem professores e pesquisadores se fazem necessários e, com estudos como esses que serão aqui expostos, podemos dialogar entre os profissionais da educação, refletindo e avançando em nossas propostas pedagógicas, com vistas a compreender melhor o aluno que hoje se apresenta a nós e como podemos trabalhar com esta geração de forma mais efetiva.

Com este trabalho, espera-se propiciar a reflexão sobre as condições da educação e do aluno contemporâneo e o papel que a disciplina de História tem para ajudar a criar indivíduos cada vez mais criativos, críticos e reflexivos sobre o papel que ocupam na sociedade, permitindo um maior engajamento nas questões que perpassam sua realidade. Para isso, as metodologias ativas comprem papel primordial na educação básica, tanto como forma de obter maior engajamento por parte dos educandos, quanto para proporcionar uma aprendizagem mais duradoura e significativa (MASS; SILVA, 2021; SOUSA JUNIOR, 2022, p. 46).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A busca pela renovação metodológica na educação do século XXI é grande. Dos cursos universitários de licenciatura aos apelos pela formação continuada dos docentes, ela aparece sempre com vigor renovado. É por isso que, em trabalhos como este, apoiados em autores e em uma literatura acadêmica de referência, busca-se a reflexão em torno do papel do professor na educação contemporânea, funcionando como mediador do conhecimento e privilegiando a relação (RODRIGUES; LIMA; VIANA, 2017).

Aqui, defende-se o uso de metodologias cada vez mais ativas na educação, como forma de superar o ensino do puro conteudismo. Sobre o conteúdo, é preciso construir significado para a vida do aluno! Por isso, o melhor meio a se empregar ao planejar as aulas, acreditamos ser o foco na relação. Desta forma, mais do que trabalhar conteúdos, podemos refletir sobre o que está sendo trabalhado e também enfocar nas competências sociais e socioemocionais dos educandos (LEITE; BORGES; SZLACHTA JUNIOR, 2022, p. 46 e 156).

Defendemos, com as finalidades expostas acima, que o aluno tenha cada vez mais participação e protagonismo em seu próprio processo educativo. Aliás, eles mesmos são o foco da educação. Um dos usos mais importantes no ensino em nosso século são as perguntas, os questionamentos. Com eles, podemos exercitar a capacidade crítica e reflexiva do aluno. Começar uma aula com um questionamento ou propor problemas (reais o ou não) que os alunos tenham que se relacionar entre eles para resolver, torna-se uma importante ferramenta pedagógica, ao trabalhar tanto a relação quanto as competências socioemocionais (CAVALCANTI, 2022).

No caso específico do estudo do passado, não há maneira melhor de engajar os discentes do que fazê-los sentir-se parte da história. Por isso, demonstrar que eles fazem história o tempo todo ou então lançar mão de artifícios como representações de períodos históricos e de usar o teatro em sala de aula (que, aliás, serve para treinar habilidades que envolvem corpo e mente), podem representar grandes aliados dos professores ao trabalhar com seus alunos os conteúdos de forma mais prática, lúdica, divertida e ativa, em busca de maior engajamento e internalização daquilo que é estudado (SPOLIN, 2017).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, é impossível lecionar, nos dias de hoje, sem pensar nas condições da educação no mundo contemporâneo. Esta, por sua vez, é composta por mais pessoas para além dos professores e alunos, mas envolve toda a comunidade escolar, dos zeladores, porteiros, supervisores, pais, professores e alunos até a coordenação, os donos (no caso de a escola ser privada) e as políticas educacionais desenvolvidas pelos governos federal, dos estados e municípios. Essa chamada de atenção para todos os elementos componentes da educação dos alunos, já que, de fato, todos possuem seu papel na educação, é importante para que tenhamos em mente àqueles dos quais, sem eles, as escolas não funcionam e que podem ser explorados em detalhes em um outro momento ou em artigo maior.

No entanto, devido às próprias limitações que uma comunicação como essa impõe, teremos como foco desta análise, os professores, alunos, coordenação e as relações que esses entes estabelecem entre si. Possuidores, cada um, de seu papel na instituição, não podem ser pensados de maneira separada na hora de elaborar boas políticas educacionais no espaço da escola. Precisam de contato constante e interrelação.

A educação como um todo tornou-se, em nossos dias, grande alvo de reflexão, já que estamos vivendo um estado de anomia no campo educacional. Usando o conceito que o sociólogo de finais do século XIX e início do século XX, Émile Durkheim (1858-1917) utilizou para analisar a transição da sociedade feudal para o mundo capitalista, podemos aplicar seu conceito também na educação hoje. E não apenas no Brasil, mas à nível internacional. Isso significa que, neste contexto de “anomia”, os antigos valores da educação não cabem mais enquanto “novos” ainda não foram totalmente estabelecidos, demandando grande energia dos profissionais da área em busca de entender o mundo moderno e como melhor aplicar os métodos educacionais em sala de aula.

E quais valores antigos seriam esses? Bem, um deles é o fato de que, até a pouco tempo, a informação em si era vista como sinônimo de conhecimento. A partir desta ideia, a função do professor, visto como repositório do saber, era transmitir aos alunos os conteúdos, que, como um “vaso vazio”, os absorveria. Por fim, um teste era aplicado para medir o nível de conteúdo aprendido, absorvido, ou decorado pelo estudante (SOBRINHO, 2014, p. 12).

E os novos valores? Como já mencionado, há um estado de anomia, em que os profissionais da educação estão em constante reflexão, mudança e ressignificação para buscar os novos meios de aplicar temas e conteúdos na educação. É constante, neste movimento, a análise daquilo que está dando certo ou não, mantendo (o que parece dar certo) e descartando (aqueles métodos que parecem não se encaixar). Claro que isso tudo pode variar de acordo com a disciplina e com a turma que o professor tem em mãos. Enfim, a educação no século XXI está em constante processo de mudança, baseado em um jogo dialético de tentativas e erros, que é normal em vários campos do saber e da sociedade em geral, em vários ramos profissionais. Por isso, esta comunicação apela para a constante reflexão do docente sobre seu próprio trabalho, já que vivemos em uma sociedade em que a mudança é constante (CAVALCANTI, 2022; RODRIGUES; LIMA; VIANA, 2017, p. 30-31).

As metodologias que podem ser aplicadas em sala de aula para o ensino da História nos dias de hoje – e as razões de sua aplicação – serão melhores expostas adiante. Mas gostaria de continuar este parágrafo a partir de uma palavra importante que finalizou o anterior: a mudança é constante. Talvez pela própria mudança se dar em um ritmo alucinante na contemporaneidade, muitos valores que formam um indivíduo se perdem. É função da escola resgatá-los. Hoje, em sala de aula, os professores se deparam com alunos que são “nativos digitais”, em uma cultura que lhe apresenta uma série de informações, telas e estímulos. A dificuldade de concentração já está clara apenas pela experiência dos professores ao lidar com as novas gerações. No entanto, temos pesquisas que também comprovam essa realidade já constatada de forma empírica (TEZANI, 2017; SERRES, 2016, p. 23).

Dessa maneira, fica cada vez mais difícil manter os alunos sentados apenas escutando os professores. Este é um dos motivos que leva ao apelo pelo uso das metodologias ativas em sala de aula, em que o aluno possa, ativamente, tomar parte no processo educativo. Produzir algo ao invés de ficar “apenas ouvindo”. Digo que esse é apenas um dos motivos, pois, na realidade, mais do que adaptar os docentes às novas realidades modernas, as metodologias ativas também podem propiciar um melhor aprendizado por parte dos educandos, já que promovem maior engajamento.

Para que isso tudo se torne realidade, a primeira coisa a se fazer é mudar a visão sobre o papel docente. O professor não pode mais ser encarado como o detentor único do saber, e o aluno, um “vaso vazio”, receptor do saber passado pelo professor. Como elencado anteriormente, as novas gerações são expostas a uma superinformação desde muito cedo. Eles possuem muitos conhecimentos prévios sobre assuntos diversos. No entanto, nem sempre eles estão bem contextualizados ou bem de acordo com o que a disciplina prega (FREIRE, 1996, p. 57-61).

Uma forma de tornar a aula mais dinâmica e ativa, portanto, é começar um conteúdo novo coletando as impressões iniciais e conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto. Se tiver uma imagem relacionada ao tema para analisar (projetada ou na abertura do capítulo de cada livro), melhor ainda. É conhecido uma série de filmes, livros e histórias de ficção que tem a História como pano de fundo para suas produções. Muitas delas, conhecidas pelos alunos. E esta coleta de conhecimentos prévios, pode vir sempre acompanhada de perguntas provocativas, que incitem a curiosidade e o debate nos alunos. Ou seja, a coleta de saberes prévios e uma pergunta ao começar a aula, parecem atitudes simples, mas que fazem toda a diferença na educação, na medida em que exerce a capacidade de pensamento e reflexiva dos estudantes. Esse início, combinado com atividades dinâmicas e em grupo (de escrever, pintar, apresentar, falar, resolver, representar e atuar) potencializa ainda mais o engajamento e o aprendizado do aluno, na medida em que, ao realizar a atividade proposta, eles estarão a desenvolver uma série de competências e habilidades que vão desde a relação entre eles até o treinamento de aspectos socioemocionais e sociomoraes (GAMELEIRA, 2019).

No caso da História, por exemplo, a busca deve ser por processar informações, sejam aquelas prévias (que os alunos já possuíam antes da aula), ou então aquelas que eles adquirem ao estudar. Desta forma, não se entende mais a informação como sinônimo de conhecimento, mas como matéria-prima do saber. Se bem processada, os alunos podem, a partir destas informações e seu processamento, refletir sobre o mundo que os cerca – usar o passado para compreender o presente – e, mais do que isso: agir neste mesmo mundo com consciência crítica e cidadã. Em outras palavras, ao aplicar estas metodologias, estamos indo além da simples memorização de conteúdos. Estaremos ajudando os alunos a utilizá-los para entender a vida, compreender de maneira respeitosa as diferenças (culturais, raciais e religiosas, por exemplo) e se relacionar melhor com os colegas. Os alunos, portanto, estarão desenvolvendo habilidades importantes para a vida em sociedade que, no futuro, serão valorizadas pelo mercado de trabalho, já que uma das competências mais requeridas, hoje em dia, é justamente a de se relacionar e trabalhar bem em grupos. Desta maneira, podemos matizar algumas das maiores preocupações docentes em sala de aula, a saber: conquistar os alunos, engajá-los e sentir que o que fazem é importante.

Em uma geração cada vez mais presentista, portanto, é preciso deixar claro que as crenças, costumes e valores que compartilhamos hoje é fruto das experiências históricas de nossos antepassados de outros tempos. E a melhor maneira de compreender essa função da história – como aquela que nos ajuda a entender o presente – é por meio de atividades que coloquem o aluno como centro do processo de ensino/aprendizagem. E, com a proposição de atividades que contemplem a reflexão e a resolução de problemas, utiliza-se o passado para

compreender os tempos atuais e o mundo que nos cerca, mas também como aquela que permite os alunos agir neste mesmo mundo, com consciência crítica e cidadã.

Quanto às metodologias ativas, por que se exigem? Em primeiro lugar, devido ao fato de ser, estas novas gerações, formadas por crianças e adolescentes mais dinâmicos. Mas elas podem também exercitar a coletividade ao propor atividades em grupo. São diversos os assuntos trabalhados na disciplina de História que podem ser um prato cheio para os professores exercitarem, em conjunto com os educandos, a importância do respeito ao outro e a necessidade de se trabalhar bem em grupo. Além de exercitar a empatia, esta é uma das habilidades mais visadas no mercado de trabalho atualmente, fazendo com que a escola seja uma instituição que prepare o aluno para o que vai ter de enfrentar no futuro.

Quanto às metodologias a serem utilizadas, a coleta de conhecimentos prévios e os questionamentos iniciais tornam-se um imperativo na busca por levar os alunos a pensarem (movimento importantíssimo em uma era em que eles se mantêm quase “passivos” diante de tecnologias digitais, como a televisão e as redes sociais). Aliás, as redes sociais se utilizam muito de “memes”. Estes são recursos poderosos e podem se tornar grandes aliados do professor no processo de educação dos alunos, seja pedindo para eles produzirem memes sobre assuntos diversos (na forma de charges, por exemplo) ou então o docente pode levar memes para serem analisados em sala. No caso da História, muitos deles apresentam anacronismos que, em conjunto com os alunos, podem ser resolvidos e analisados de forma mais crítica.

Como grandes ferramentas pedagógicas ao lado do professor, também pode estar a representação de períodos históricos e a atuação por meio da elaboração de peças teatrais com base no conteúdo e sua apresentação final. Assim, além de se engajar no processo educativo, o aluno “mergulha” na história, o que ajuda no aprendizado. Outra forma de engajamento pode ser a proposição de problemas – reais ou não – e, em grupos os alunos buscarem resolvê-los, o que também auxilia no desenvolvimento de competência sociais e relacionais. Neste caso, é interessante que os educandos possam sempre estar trocando de informações entre si.

No entanto, não queremos ficar apenas no plano das ideias – e nem devemos – sem pensar nas condições reais e materiais que, como docentes, possuímos, hoje, de aplicar estas metodologias. Por isso, cada professor deve ficar atento aos recursos disponibilizados pela escola na hora de montar suas aulas, sem se esquecer que inovação não necessariamente envolve o uso de tecnologias. Por vezes, nem de muitos recursos. Mas sim, de fazer diferente com os mesmos recursos (SOBRAL; SOUSA, 2020, p. 3 e 7).

Por fim, acreditamos que a história escolar nos dias de hoje, tem como função formar o que Jorn Rüsen (2011) denomina de “consciência histórica”, a saber: fazer com que o aluno possa entender a importância do estudo do passado na prática, para compreender como se formou o mundo em que vivemos. E, mais do que isso, que possa utilizar boas referências do passado para balizar a ação presente. Desta forma, podemos sair da pura e simples memorização de conteúdo e fazer um aprendizado histórico muito mais significativo para o aluno. Se possível, tornar a aula mais “legal”. Mas, sempre mais útil e significativo. Ou seja, sempre que vamos preparar nossas aulas, a principal pergunta que temos que fazer é: que ser humano queremos construir? A partir dela, outras surgem, como: como este conteúdo pode ser importante para a vida destes educandos? Assim, não apenas a aula, mas a própria preparação dela, parte de questionamentos, que serve para que nós, docentes, possamos sempre estar em processo de mudança e adaptação aos novos tempos, refletindo sobre nossa própria profissão e sendo sempre capaz de inovarmos (RÜSEN, 2011, p. 43).

4 CONCLUSÃO

A educação brasileira, nos dias de hoje, passa por ressignificações. Isso tudo considerando os alunos que temos no presente e as demandas educacionais relacionadas às

competências e habilidades que os educandos precisam desenvolver. Estas, clamam pela formação de um espírito crítico e analítico.

No caso das Ciências Humanas, no geral, e da História, em particular, é de fundamental importância trabalhar conceitos básicos relacionados às disciplinas correspondentes. Mas, mais do que a simples memorização, é necessário que o discente produza algo. Que ele seja ativo na construção do saber e sujeito do próprio conhecimento.

É com esse objetivo que, neste texto, está presente a defesa das metodologias ativas. Por vezes, pensa-se inovação na educação como sendo a pura e simples introdução de novas tecnologias em sala de aula. Os meios digitais podem (e devem) sim ser grandes aliados de professores e alunos na educação, mas inovação é mais do que isso. Inovar é, por vezes, saber fazer o diferente com os mesmos recursos e até os mais básicos. O mais importante é que haja um maior engajamento do educando nas atividades propostas pelo professor, para além do simples “ouvir” para a memorização de conteúdos.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, C. C. **Aprendizagem socioemocional com metodologias ativas: um guia para educadores**. São Paulo: Saraiva, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMELEIRA, S. T.; BIZERRA, A. M. C. Identificação de conhecimentos prévios através de situações-problema. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop-MT, v. 9, n. 2, 2019, p. 130-147.

LEITE, P. G; BORGES, C. C. do L; SZLACHTA JUNIOR, A.M. (org.). **Ensino de história, tecnologias e metodologias ativas: novas experiências e saberes escolares**. João Pessoa: Editora CCTA, 2022.

MASS, O. P.; SILVA, P. A. O ensino de história para o desenvolvimento do pensamento autocrítico. **Opinião Filosófica**, v.12, 2021, p. 1-15.

RODRIGUES, P. M. L.; LIMA, W. S. R.; VIANA, M. A. P. A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano. **Saberes Docentes em Ação**, v. 3, n. 1, 2017, p. 28-47.

RUBINSTEIN, E. A pergunta no processo de ensino-aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**, v. 36, n. 111, 2019, p. 317-331.

RÜSEN, J. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. MARTINS (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SERRES, L. F. **Falta de atenção: uma compreensão docente**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOBRAL M. A. C; SOUSA, J. O. Metodologias ativas para o ensino de história: uma análise no documento curricular de Roraima. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, Maceió-AL, 2020.

SOBRINHO, A. S. **A história não é “decoreba”**: os desafios do ensino de história no ensino médio na escola estadual Adriano Feitosa – Tavares-PB. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) – Universidade Estadual da Paraíba, Princesa Isabel, Paraíba, 2014.

SOUSA JUNIOR A. Educação 4.0 e educação histórica: mídias digitais, ensino de história e metodologias ativas para o século XXI. In: LEITE, P. G; BORGES, C. C. do L; SZLACHTA JUNIOR, A.M. (org.). **Ensino de história, tecnologias e metodologias ativas**: novas experiências e saberes escolares. João Pessoa: Editora CCTA, 2022, p. 41-78.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

TEZANI, T. C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Psicologia Educacional**, Araraquara, v. 19, n. 2, 2017, p. 295-307.

XAVIER, R.C.M; COSTA, R.O. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 39, n. 2, 2010, p. 75-83.